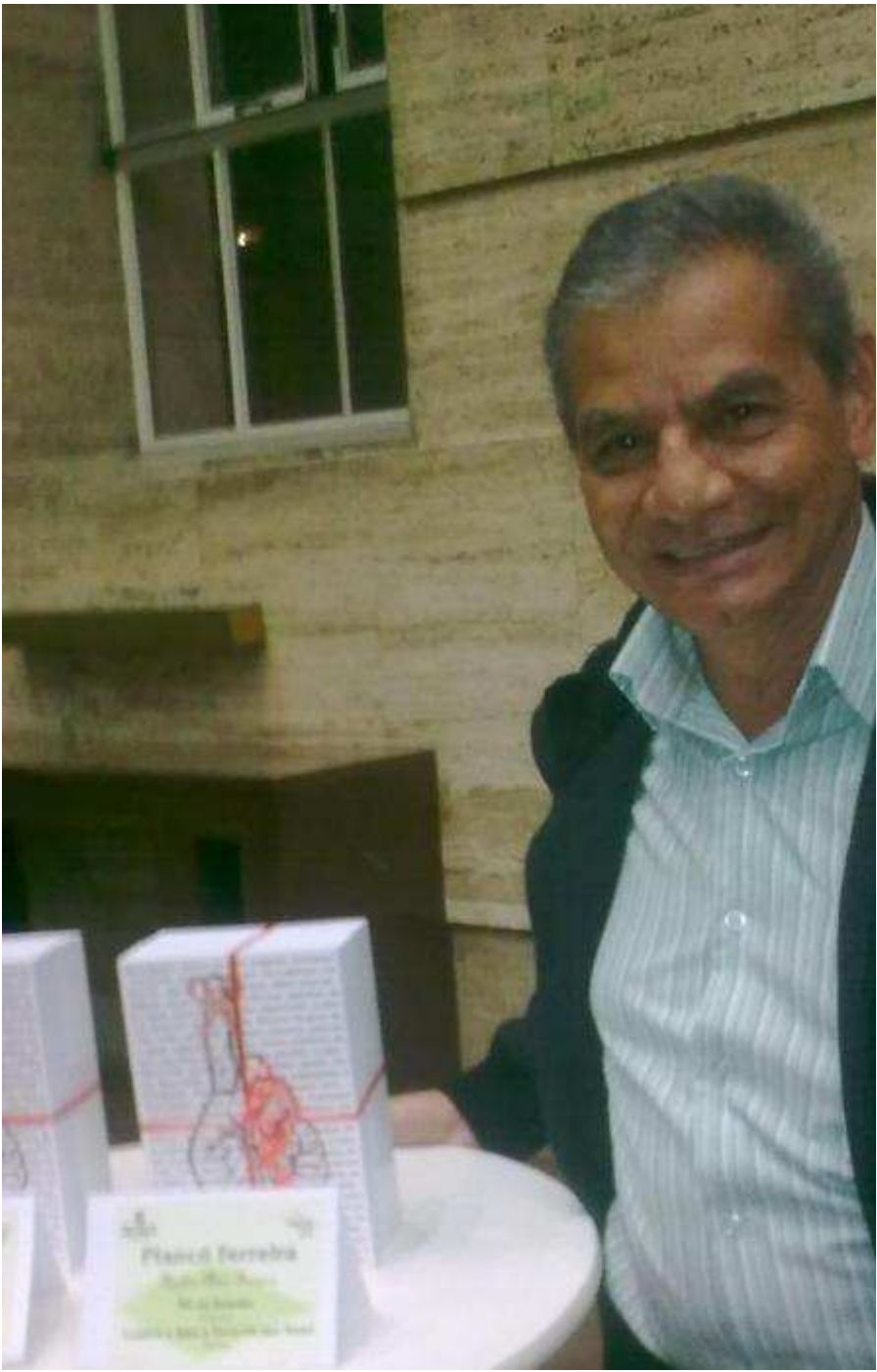
Teatro

DRAMA
EM
QUATRO ATOS

De: Arzélio Alves Ferreira

(Piancó Ferreira)


Plaisir ferreira

Arzélio Alves Ferreira nascido no ano de 1947 no Patrimônio de Pirajai (não é Pirajuí-SP) hoje Cabrália Paulista no estado de São Paulo. Viveu em sua cidade natal até os 21 anos fazendo seus estudos até completar o curso ginasial.

Em 1969 fixou moradia na cidade de São Paulo onde vive até hoje. Nesta cidade concluiu o curso Normal para formação de professores primário e o curso de pedagogia.

É atualmente professor aposentado tendo sido Diretor de Escola, Assistente de Planejamento em Delegacia de Ensino do estado de São Paulo coordenando e orientando as escolas para a execução da politica educacional da Secretaria de Estado da Educação.

Escreve contos, crônicas, teatro, poesias sendo vencedor em vários concursos do gênero.

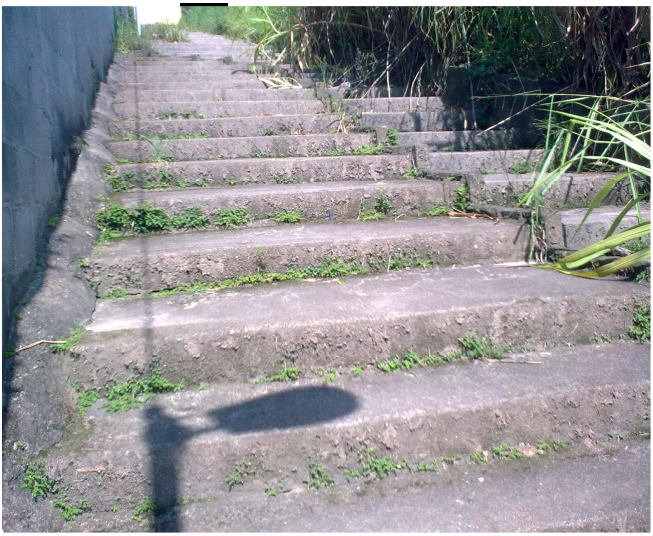
Na adolescência fez teatro amador atuando nas suas peças produzidas.

Apresenta neste livro mais uma de suas criações.

OS

DEGRAUS

DO



INFERNO

ANOS

60

70

80



Os Degraus do Inferno.

Drama de dois jovens, Zenofre e Aloizo, vividos nos anos rebeldes.
Aloizo, jovem vindo do interior para a cidade de São Paulo em busca de um futuro, depois de passar por uma grande tragédia em sua cidade natal, que o obrigou a busca da cidade grande.
De uma educação e formação cheia de princípios, e com muita humildade, ingenuidade e jeito caipira, chega à cidade grande. Instala-se em uma vaga de pensão aonde vem a conhecer Zenofre.

Zenofre, jovem nascido e criado na grande capital conhece todos os atalhos da grande metrópole e sabe como sobreviver nela.
Entre os dois jovens nasce uma amizade. Vivem como irmão nessa vaga de pensão apesar de Zenofre ser um tanto estranho.
Aloizo, cheio de esperanças para vencer na nova terra, dá seus primeiros passos em sua conquista, sempre alertado pelo amigo dos perigos da cidade grande.
Zenofre com sua maneira de ser, boa pinta, exagerado em seu vocabulário sujo e com suas gírias impõe a sua personalidade marcante. Em sua visão de vida, faz severas críticas à sociedade sempre demonstrando certa rebeldia e carregado de deboches em relação aos princípios de seu companheiro de quarto quando este expõe suas idéias honestas com relação à vida e ao mundo. De uma personalidade difícil de ser entendida, Zenofre mostra seus dois lados da vida, ora romântico, ora frio com relação à sua visão de vida. Fala tanto a língua dos anjos como a língua do demônio.
Zenofre é revoltado e se rebela contra os valores da sociedade e sempre procura alertar o amigo quanto ao que é reservado para pessoas como eles.
Zenofre tem suas próprias regras de vida e sua própria identidade que chega a surpreender e confundir Aloizo.

O drama destes dois jovens se desenrola até o seu final nesta vaga de pensão com interferência em alguns momentos da dona da locação, Zefina, a dona da vaga de pensão, uma velha interesseira que fica sempre do lado que lhe beneficia.

OS
DEGRAUS



DO
INFERNO



DE:

ARZÉLIO ALVES FERREIRA

(Na representação, este texto já não me pertence mais e sim aos personagens através de seus interpretes).

(PIANCÓ FERREIRA)

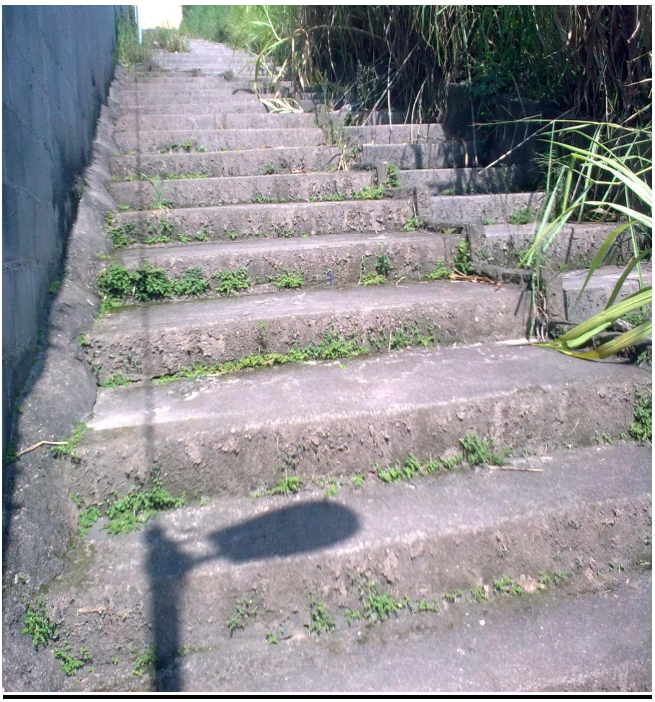
ELENCO:

ALOIZO: Jovem de 19 anos

ZENOFRE: Jovem de 21 anos

ZEFINA: 52 anos

POLICIAL



OS DEGRAUS DO INFERNO

PRIMEIRO ATO

(CENÁRIO: Uma vaga de pensão. Quarto velho e apertado. Uma cama, uma cadeira feita criado-mudo ao lado da cama. Um guarda roupa de solteiro antigo, com um espelho oval, descorado fixo na porta. Uma

porta lateral do lado esquerdo com um patamar e uma escada com vários degraus que dá saída. Do lado direito um vitrô basculante pequeno. Abaixo do vitrô, uma mesa pequena com alguns livros, um rádio de pilha e outros apetrechos. No teto um pendente de fio com um bico de luz. No rádio de pilha toca uma música nostálgica dos anos 1960/1970).

CENA - I

Aloizo

ALOIZO – (Deitado n cama com as mãos na nuca de calção sem camisa. Olhar fixo no teto ouve a música).

CENA – II

Zefina

ZEFINA – (sobe a escada lateral bate violentamente na porta. Com balde, pano e esfregão na mão gira a maçaneta, bate à porta).

CENA III

Aloizo

ALOIZO - (dá um salto da cama, desliga o rádio. Veste a camisa e a calça apressado).

Um momento! Já abro...! (vai até a porta e abre)

CENA IV

Aloizo, Zefina

ZEFINA - (entra e gagueja) Ah, ah, ah! Não sabia que você estava aqui dormindo. Por que a porta trancada? Vim limpar o quarto e quase que não entro.

ALOIZO - (sem graça) Não estava dormindo não. Estava encostado na cama matutando um pouco. Pode limpar a vontade. (dirige-se até porta) Saio já.

ZEFINA - (com as mãos na cintura) Espere aí! Você já arrumou colocação?

ALOIZO - (volta desconsertado) Ainda não, mas estou procurando.

ZEFINA - (esfrega violentamente o esfregão no chão) Procurando aqui de cão largado? (pára de esfregar) Se continuar amoitado aqui neste quarto com a bunda pregada nessa cama, vai achar serviço sabe onde? (resmunga e esfrega)

ALOIZO - (mais chateado anda para o lado) Está difícil emprego pra mim. Falta-me...

ZEFINA (corta a fala apoiada no cabo do esfregão) Falta força de vontade rapaz. (esfrega com mais força)

ALOIZO - Não é isso. Falta-me experiência de trabalho.

ZEFINA - (pára de esfregar e apóia no cabo do esfregão) Pois é...

ALOIZO - A senhora tenha paciência. (vai até a porta segura a maçaneta) Assim que eu...

ZEFINA - (corta a fala) Paciência! Paciência! E eu almoço e janto paciência? Eu vivo de paciência? (brava) Sabe de uma coisa? Tô até vendo. Assim que você arrumar uma boa colocação, uma coisa boa pra ganhar aquele dinheirão sai na surdina e fica aqui a velha desgraçada na pindaíba, no prejuízo; a velha tonta, doente, molambenta limpando a sujeirada que ficou pra trás, Tô cansada de levar calote de gente ordinária.

ALOIZO - O que é isso que a senhora está me dizendo? Não pense umas coisas dessas de mim. A senhora não vai perder comigo. Eu sei e vou honrar meus compromissos. Eu já estou pagando à senhora essa vaga adiantada e ainda faltam duas semanas para vencer o mês.

ZEFINA- (mãos na cintura) Paga o adiantado, mas já está vencendo o mês. E quando vencer, onde você vai conseguir o dinheiro pra me pagar, pra se manter?

ALOIZO – Eu me viro. Repito, a senhora não vai perder comigo.

ZEFINA - Como não vou perder se você está sem colocação. (anda para o lado) E assim vai a vida inteira.

ALOIZO - Eu não vou ficar a vida inteira parado. Vou conseguir o meu trabalho logo. Está quase tudo certo. Só estou aguardando a chamada.

ZEFINA - (decidida) Olha aqui Luizo, só vou esperar vencer o adiantado e vou querer a vaga.

ALOIZO - (surpreso) A senhora vai me botar pra fora? Vai me colocar na rua?

ZEFINA - Pois é isso mesmo. Vou sobre alugar o quarto pra umas moças daquela fábrica ali da esquina. Mulher é mais fácil de lidar; é outra coisa. Eu alugando o quarto só pra mulher, não dá o que falar da gente. E, se elas ficam desempregadas, tem como arranjar dinheiro de um jeito ou de outro. Até com a bunda. Agora homem, só se for roubar,

ALOIZO - (nervoso) A senhora é muito maldosa em seus juízos.

ZEFINA - O que posso fazer? Eu preciso sobreviver e para isso preciso de dinheiro. (para apóia no cabo do esfregão, dá um gemido) Eu estou velha, doente, acabada e não posso ficar com você aqui.

ALOIZO - Mas eu já paguei à senhora o adiantado.

ZEFINA - Adiantado. O que adianta? E como vai ser o mês que vem? Você vai cagar dinheiro? Vai?

ALOIZO - A senhora precisa ter paciência e compreensão!

ZEFINA - Só sabe dizer isso: paciência, paciência e agora pede compreensão.

ALOIZO - É só isso que posso pedir à senhora no momento.

ZEFINA - E eu vou viver disso?

ALOIZO - A senhora está precipitada. Peço paciência e compreensão porque eu saindo daqui, quem vai alugar esse quarto apertado?

ZEFINA - Já não lhe falei que vou oferecer pras moças lá daquela fábrica?

ALOIZO - Sei, mas esse cômodo é muito pequeno e ninguém vai alugar esse cubículo aqui.

ZEFINA - Cubículo é o colarinho da nona. Você não sabe de nada. Não sabe como é viver aqui em São Paulo.

ALOIZO - Peço mais uma vez paciência e compreensão. Quando eu estiver bem na vida, ganhando meu dinheirinho, eu reformarei isso aqui tudo pra senhora e quem sabe até a casa toda.

ZEFINA (solta uma gargalhada) Tá bom. Vou contar com o ovo no... (corta, faz o gesto e a mímica) da galinha. Você tá brincando rapaz? Pensa que é fácil. Você não conhece a cidade grande ainda. Tempo aqui é dinheiro. Enquanto espera, se perde dinheiro.

ALOIZO - Imploro à senhora. Não me mande embora agora. Não tenho pra onde ir. Não tenho ninguém. Dê-me mais algum tempo.

ZEFINA - Preciso dizer que eu preciso de dinheiro? Eu passo necessidade. Não tenho ajuda de ninguém. A minha pensão da caixa é uma bagatela. Tenho as obrigações pra pagar: água, luz e o cão. Se não pago, cortam tudo e mais a vergonha que passo. A vida custando o olho da cara. Um osso duro pra roer.